



A beleza do sagrado como interface evangelizadora no universo teen.

The beauty of the sacred as evangelizing interface in the universe teen.

José Sotero dos Santos Neto¹
Paulo Sérgio Carrara²

Resumo

O artigo apresenta como temática as inquietações acerca do corpo do adolescente e a dimensão corporal juvenil como revelação da beleza do sagrado. A adolescência é uma etapa que anuncia transformações e rupturas em todas as dimensões. Período de mudanças que vão desde o corpo, perpassam relações interpessoais, sexualidade, força, emoções, desejos, sentimentos, afetando também a capacidade de compreender e explicar o mundo e as coisas. Diante do exposto, como acompanhamos nossos adolescentes no processo de maturação, autonomia, escolhas e construção do projeto de vida? Ficamos extasiados perante a beleza deles? Quais são os valores que permeiam nossa relação com os adolescentes? Nesse sentido, a beleza desperta o amor e nos faz ver no outro um próximo a amar. Ela tem como proposta a gratuidade, exige tempo, contemplação, admiração... Sinaliza o Transcendente, conduz ao mistério. Portanto, a percepção do divino encarnado no corpo do adolescente adquire cidadania a partir da nossa abertura a esta novidade e aos desdobramentos diversos que ela provoca.

Palavras-chave: Adolescência. Sagrado. Beleza. Corpo.

Abstract

The article thematizes the inquiries regarding the adolescent's body and the bodily dimension of the youth as revelation of the beauty of the sacred. Adolescence is a stage that announces transformations and breakups in all dimensions. It is period of changes that begins with the body, reaches interpersonal relationships, sexuality, strength, emotions, desires, feelings, and affects one's ability to understand and explain the world and its things. Taking all of these into consideration, how do we shepherd our adolescents in their process of growth, autonomy, decision-making, and configuration of their life's project? Do we marvel at their beauty? What are the values that guide our relationship with the adolescents? In this sense, beauty awakens love and makes us see in the other a neighbor to love. The proposal of beauty is found in graciousness, it demands time, contemplation, and admiration ... It signals to the Transcendent and leads to the mystery. Therefore, the perception of the divine, embodied in the body of the adolescent, acquires citizenship in our openness to this newness and to the diverse ongoing developments that it provokes.

Key-words: Teenager. Adolescence. Sacred. Beauty. Body.

Artigo recebido em 20 de Abril de 2016 e aprovado em 06 de Setembro de 2017.

¹ Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju. Graduando em Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Belo Horizonte. E-mail: sot83@hotmail.com.

² Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE). Professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (FAJE) e no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), Belo Horizonte. E-mail: pecarraracsr@gmail.com.

Introdução

A adolescência se configura como etapa do desenvolvimento humano com suas peculiaridades, caracterizada por uma série de transformações, envolvendo fatores biológicos e socioculturais. Justamente essa característica multifacetada da adolescência é o que lhe imprime o caráter de singularidade na história dos indivíduos. Emoções, pensamentos, relacionamentos, aquisição de novas capacidades cognitivas, como também novas responsabilidades quanto a papéis sociais, a construção da identidade e ao desenvolvimento da autonomia são alguns dos aspectos circundantes no contexto da adolescência.

As mudanças na identidade do adolescente propiciam modificações nas suas relações, sobretudo com seus pais, cujos arquétipos identitários são questionados pelos filhos. Assim, a perda de segurança em relação aos pais, que não mais exercem o papel de “heróis”, instiga o adolescente a buscar, no grupo de amigos, o aconchego protetor que antes vinha da família. É um período angustiante de transição, em que a maturação psicológica nem sempre acompanha o desenvolvimento sexual. Por isso, o grupo emerge como instrumento protetor das angústias e temores e, ao mesmo tempo, como elemento excludente daqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos pelo grupo.

Ainda nessa árdua tarefa de afiliação grupal, surge a problemática da aceitação de novos valores, os quais poderão ajudar o adolescente no processo de adaptação aos novos ambientes que se descortinam para ele. Paralela a esta situação tensional, ele permanece à procura de um sentido a ser dado ao seu futuro, à sua vida, levando-o a se questionar em vista da realização de escolhas. Nesse contexto, é essencial a motivação para o despertar da autonomia do adolescente. Deve-se oportunizar um ambiente de apoio e de proximidade afetiva entre os pais, os educadores e os adolescentes, permitindo o desacordo e a expressão de pontos de vista alternativos, em razão do desenvolvimento da autoconfiança, da autoestima, de responsabilidades, enfim, da construção em potencial da identidade do adolescente.

Dessa maneira, os adolescentes amadurecem e tomam consciência das exigências da vida quando são reconhecidos, desafiados, respeitados e apoiados em seu crescente senso de autoconfiança e de individualidade. O diálogo, a tolerância e a delicadeza sutil e firme na condução das decisões são fundamentais nessa etapa da adolescência. Nesse horizonte de

formação de identidade, autonomia e tomada de decisão se entrelaçam, visto que as escolhas feitas pelos adolescentes influenciarão o seu comportamento sexual, religioso e afetivo.

Quando se trata da formação necessária à adolescência, é preciso ter clareza e internalizar a responsabilidade de se fazer as intervenções necessárias, de compreender e apresentar os elementos que ajudem os adolescentes a tomar consciência e organizar sua diversidade de expressão no mundo, suas habilidades e conhecimentos, sua identidade e protagonismo na sociedade, sua autonomia e maturidade.

Empoderamento: adolecer para um mundo em mudanças

A reflexão sobre a adolescência “esbarra” em temáticas mais amplas e complexas como o resgate em cada um de nós da consciência de que somos sujeitos plenos. Sujeitos de direitos, de desejos, de necessidades, de formas próprias de expressar e participar da cultura. Somos sujeitos com plenitude de direitos no desenvolvimento em todas as dimensões: direito à crise, aos desafios, à liberdade e à autonomia. O que desejamos para os adolescentes é o que almejamos para todo e qualquer ser humano: viver com dignidade uma existência fraterna e partilhada.

A adolescência na sociedade moderna não é vista com bons olhos. O próprio termo adolescência carrega consigo uma compreensão negativa que se tem desse momento. Adolecer, adoecer... este é o significado que damos aos nossos jovens? Para nós a adolescência é representada como tempo de crise, de rebeldia sem causa, tempo de sexo, drogas e rock n'roll, de imaturidades, de indisciplinas, de irresponsabilidades, de briga de gangues e no estádio de futebol. (CARVALHO, 2002, p.32).

Os adolescentes precisam ser compreendidos como sujeitos, atores sociais que se manifestam de maneiras as mais distintas, com significados os mais particulares e, por isso, merecem uma análise cuidadosa e sensível. O diálogo com os adolescentes precisa ir além da compreensão de que a etapa é um tempo específico com transformações. O esforço dialógico deve alcançar os espaços e as instituições onde suas vidas se estruturam e lhes deixam suas marcas. A adolescência se revela uma etapa que anuncia transformações e rupturas em todas as dimensões, mudanças que vão desde o corpo, perpassam as relações interpessoais, sexualidade, emoções, força, desejos, sentimentos, afetando também a capacidade de compreender e explicar o mundo e as coisas.

A procura pela descoberta de si como pessoa prestes a tornar-se adulta, e o desafio da construção de um caminho a ser trilhado é uma das chaves de leitura da adolescência. Refletir sobre adolescência é vincular-se a um projeto de humanidade, de concepção de ser humano e sociedade. O processo de vivências tem que ter sentido e intenções claras. A etapa

deve ser historicizada e cuidada a partir da rede de relações que os adolescentes constroem e partilham uns com os outros nos diversos níveis e espaços de atuação.

A solidez dos vínculos familiares é seguro alicerce para criar e estabelecer relações sociais de bom cidadão. A solidariedade precisa criar raízes entre nós a fim de oxigenar a ecologia humana, favorecendo além de um ambiente adequado para a qualidade da vida, relações pacíficas e construtoras de vínculos. É urgente a aplicação desta lição de casa: o adolescente deve apreender que o coletivo complementa e enriquece o individual, à medida que esse processo, por si só, ensina a viver melhor. Os companheiros adultos devem alimentar vivências para uma afetividade que lança luzes para a solidariedade.

A construção da identidade dos adolescentes transita entre o individual e o coletivo. Os adolescentes precisam do grupo, de adultos, de referências; ao mesmo tempo em que eles sentem necessidade de diferenciar-se, de estruturar sua própria identidade. Tornar-se adolescente é viver entremeado por profundos e intensos conflitos. Novos e diferentes ritmos, tempos, espaços, presença na sociedade e na cultura. Neste sentido, a adolescência, para ser compreendida em sua amplitude, precisa ser abordada como construção no/do presente, para que assim os adolescentes sejam vistos como sujeitos autônomos com capacidade de edificar e participar coletivamente da construção da sociedade e da cultura, mesmo que seja da forma mais contraditória possível, em sintonia com as experiências e trajetórias de suas vidas.

Para um bom número de adolescentes, estruturar a própria identidade é sinônimo de ser o mais diferente possível, em todos os níveis, dos demais do grupo, o que se torna um processo bem doloroso. Paralela a essa demanda, tem a problemática do abandono da infância. Eles são cobrados pelos outros – pais, escola, dominação do grupo – para que sejam capazes de superar o tempo da infância, abandonando seus apegos infantis e a inclinação para ser o centro de tudo.

Na verdade, se faz necessária a tomada de consciência de que no período de passagem da infância para as demais fases – adolescência e vida adulta, as vivências anteriores não devem ser negadas e anuladas. Caso as vivências tenham sido gratificantes, elas devem ser recordadas com estima e servir de mobilização para serem reproduzidas, em outro nível de acordo com o momento em que se vive. Porém, se as vivências forem negativas, elas também podem ser recordadas, não com intuito de reproduzi-las ou revivê-las, mas com a forte intuição de ressignificá-las com alto teor transformativo a fim de criar vínculos mais adultos, sólidos e consistentes.

O processo de crescimento e de maturação fundamenta-se na lei universal cuja defesa se baseia na seguinte ideia: não é necessário querer mudar tudo, contudo o convite é que se dê continuidade sadia ao processo de amadurecimento do ser humano e que as mudanças que se impõem sejam processadas, assimiladas, personalizadas.

Aos adolescentes é imposto um jogo de contraste: ao mesmo tempo em que eles têm que ser diferentes, é preciso permanecer semelhantes a outros adolescentes, no exercício de fazer parte de um grupo, na convivência com outros pares, os quais possibilitam reciprocidade nas relações e conflitos. Ademais, esse jogo de contraste também se manifesta pelas pressões da vida reveladas de múltiplas formas, evidenciando intensos apelos na busca de maturidade dos adolescentes. Esta maturidade será atingida via processo de luto, que se desvela em meio à dor, sofrimento e tristeza com o seguinte itinerário: perda da infância, passagem para a adolescência tumultuada e uma adultez vista, ainda, ao longe, distante e, para alguns, bem assustadora.

A configuração da adolescência traz consigo a abundância de sentimentos, sonhos em potencial, ambições, cobranças dos adultos e impulsos instintivos que se misturam de forma desproporcional e nem sempre desarmônica, levando o adolescente a não conseguir se situar com clareza. O desejo de ordenamento é superado pela confusão que se apresenta com diversas ramificações. Existe a vontade de ordenar-se, organizar sua interioridade e expressá-la na vida, todavia os impulsos hormonais e vitais despontam abundantes, fragilizando a capacidade de dispô-los de forma humanizada para gerar satisfação e serenidade, isso provoca sofrimento sem que se possam identificar as razões.

Pais, educadores e adultos de seu entorno precisam exercitar-se na percepção e manejo sensível perante os adolescentes, ajudando-os a serem eles mesmos, fortalecendo o itinerário de construção da identidade, sem forçá-los a se transformarem em cópias dos acompanhantes que os orientam. Os adultos devem gerar alternativas para os mais frágeis se sentirem amparados e orientados diante das dificuldades e angústias que surgem. Nesse processo de busca pela maturação, os adolescentes clamam por companheiros de esperança na caminhada, fochos de luz a iluminar trilhas ainda nunca trilhadas. Além de serem modelos de identificação, os adultos podem oferecer suas experiências de vida com incentivos para o crescimento e maturação, sendo “sustentáculos” que estimulam, provocam e desencadeiam o processo sem esmorecer.

Na adolescência, os verbetes autonomia e liberdade adquirem certa amplitude de significados. Para o ser humano se constituir autônomo, é necessário que ele esteja na relação com o outro. São os outros, adultos, colegas, pai, mãe, educador, irmãos e irmãs

mais velhos e mais novos que nos ajudam no trabalho de auto-organização, de reconhecimento e a nos localizarmos na sociedade. Contudo, os adolescentes precisam ser capazes de aceitar a orientação e acompanhamento, mesmo que fazendo uso de sua própria liberdade, modifiquem alguns aspectos.

Já a conquista da liberdade está vinculada com o sentirem-se incluídos. Eles precisam do seu diferente e do seu semelhante. No itinerário da construção da identidade, eles carregam consigo a força e a fragilidade, a coragem e o medo, a completude e a transitoriedade. A incerteza também é companheira de caminho na construção da identidade dos adolescentes. O encontro desses elementos se manifesta numa situação que oscila entre o tudo e o nada, visto que a liberdade será efetivada na capacidade e direito de fazer escolhas, de se verem capazes de optar entre diferentes alternativas.

Todavia, os adultos devem acreditar no potencial trazido pelos adolescentes e na capacidade que eles possuem de gerir suas próprias vidas. Claro que as circunstâncias para que esta construção aflore, precisam ser criadas e acompanhadas pelos adultos. Cada adolescente, como sujeito social, sente a necessidade de ser reconhecido e valorizado. Os adultos, por meio da ação política reveladora da dignidade humana, devem ajudar os adolescentes a sonharem e lutarem por um mundo melhor e mais justo para todos. Os adolescentes são convocados a contribuir na elaboração de uma nova ética, expressa pela vivência imediata da cidadania, manifestada pela participação digna na sociedade.

Será no enfrentamento de questões geradas por conflitos, tensões e inseguranças, dimensões inevitáveis nessa etapa, que cada adolescente de maneira individual ou coletiva, buscará e encontrará os meios para construir sua história, conhecimentos e personalidade. O grupo é um espaço propício para a elaboração e o amadurecimento da identidade. Nas mais diversas relações gestadas nos grupos em que os adolescentes participam, os companheiros são o símbolo de uma identidade às vezes valorizada pelo grupo, já em outros momentos, o mesmo grupo, de acordo com critérios diversos, poderá desvalorizar a identidade dos adolescentes.

Identidade: existe alguém mais belo do que eu?

No que se refere à identidade, é preciso recuperar o afeto, a sensibilidade, a arte e a beleza na relação entre os adolescentes, os pais, os educadores e os grupos de identificação. Como possibilidade de superação do conflito de gerações e resistências, a oferta gratuita e contagiante de valores impregnados de vida, sonhos e dignidade parece ser o melhor caminho. Afinal, temos competência para vivermos juntos relações mais justas e humanas.

No âmbito das relações sociais dos adolescentes, uma expressão de beleza que precisamos aprofundar é o tipo de experiência cultural que se vive e se oferece a eles. As experiências sociais e culturais são gestadas em diversos espaços, o que nos desafia a enriquecer esse universo, desenhando projetos comuns capazes de oferecer novos e múltiplos caminhos para a prática educativa e que sejam portadores de significados para esses adolescentes.

O enriquecimento das relações e vivências éticas instiga o florescer de alternativas impregnadas pela expressão artística e do corpo. A cultura, a arte e as práticas corporais devem ser revisitadas como conhecimentos a que todos têm direito de acesso e vivência, a partir do aprendizado de aspectos fundamentais para a vida: da sensibilidade, da capacidade de expressão e criação, assim como do amadurecimento das novas formas de relação entre os adolescentes e o respeito ao outro.

Pensamos numa instituição que valoriza o aprendizado e a vivência de elementos da cultura como tempo de aprendizado de questões fundamentais para a vida: da sensibilidade, da capacidade de expressão e criação. Vemos uma instituição onde os adolescentes têm direito ao acesso de conhecimentos ricos culturalmente, aos esportes, jogos e brincadeiras, danças, capoeira, música, espaços para expressão e construção cultural. (CARVALHO, 2002, p.42).

Além de diferente em seu aspecto físico, o corpo do adolescente oferece sensações novas com as quais ele não está acostumado: ereções inoportunas, ejaculação noturnas, no caso dos meninos; menstruação, nas meninas; erupções de pele em ambos, e outras situações difíceis de controlar são apenas alguns exemplos. O corpo do adolescente demanda urgências, desejos até então inexistentes; é um corpo que agride, por vivenciar um bombardeio psíquico da sexualidade, até então um pouco adormecido pelas primeiras repressões da infância.

A puberdade, ao precipitar mudanças hormonais bruscas, faz da adolescência uma fase perturbadora. Não é o adolescente que se faz violento, mas são as próprias erupções da adolescência que incidem sobre ele. Com tamanhas urgências psíquicas, corporais a serem equacionadas, uma parcela dessa tensão deve ser canalizada para fora do sujeito, para que ele permaneça em equilíbrio e sobreviva às mudanças. Discussões com os pais, brigas com os irmãos, intrigas com os colegas fazem parte do cotidiano do adolescente. Assim, a discussão carregada de hostilidade auxilia a descarga de emoções tumultuadas, que, ao serem exteriorizadas, proporcionam certo equilíbrio das turbulências internas.

Nesse sentido, também é possível vislumbrarmos manifestações carregadas de afeto quanto aos espaços de convivência – família, escola, amigos etc. Essas propiciam uma vivência de valores, principalmente quando os acompanhantes adultos favorecem uma

orientação e convivência mais voltada para o amor e para compreensão do outro, por meio do diálogo, respeito e cuidado mútuo. Dessa maneira, iremos minimizar o foco e o gasto de energias dispensadas à força física e a prepotência que, nessa etapa da vida, podem aflorar com certa frequência.

O adolescente não é somente um corpo em desenvolvimento. O crescimento físico, bem como o crescimento emocional e intelectual e sua interação com o meio sociocultural e histórico são fundamentais para uma compreensão mais completa do indivíduo. O cérebro do adolescente passa por várias etapas de remodelagem e aprendizado, reorganizando todo o funcionamento biofisiológico, o que amplia a capacidade de conexões mentais e de raciocínio abstrato.

Adolescência, vínculos “à flor da pele”

A adolescência se constitui como momento em que os olhares, a atenção e as energias se voltam para o outro. Existe uma maior sensibilização em relação ao eu dos outros. Pode-se dizer que é a fase da descoberta da grande fraternidade do seu universo juvenil; o adolescente finalmente percebe que todo ser humano vive uma busca de um sentido. No reino em torno de si mesmo, existem corações palpitantes por vida, sonhos e uma imensa capacidade de amar.

É momento de abertura ao outro, de convivência com o diferente, de sensibilidade à fé, numa tentativa eficaz de saída do círculo do egocentrismo. As relações de encontro, diálogo e reciprocidade dinamizam a adolescência fortalecendo-a na construção do projeto de vida.

O sentido pleno da sexualidade é o encontro com o outro, é partindo do “eu” para o “tu” que se vai ao encontro do “nós”. Por sua vez, a chegada nessa plenitude é dimensionada por uma formação da sexualidade que não se dá no isolamento, uma vez que é na sociedade e para a sociedade que o adolescente é formado. O meio social e a sociedade apresentam os padrões de comportamentos humanos, à medida que são fatores essenciais na formação da sexualidade.

Outro contributo para os adolescentes na relação com o outro é a afetividade, que tem como fator dominante a sua vivacidade em três vertentes: sua fácil excitação, o seu ardor e a sua profundidade. A afetividade é componente essencial de equilíbrio e harmonia da personalidade.

“Vivemos afetivamente. Afetos são fenômenos que proporcionam sensações físicas e que influenciam o pensamento. Portanto, eles influenciam no fluxo das ideias, daquilo que

pensamos e nas sensações em nossas reações do corpo humano”. (CALANDRO; LEDO, 2010, p.87). Na adolescência, a emoção, estado sentimental momentâneo que mexe em todo o corpo da pessoa, está muito presente. A abertura para a relação com o outro é permeada a todo o momento de emoções. Já os sentimentos são estados afetivos duráveis, mais amenos na intensidade, por isso os adolescentes os vivem de modo muito sensível, sejam estes de tristeza ou de alegria.

A convivência com os adolescentes é repleta de surpresas; em vista das constantes alterações de humor, eles se apresentam como seres mutantes e complexos. São indecisos e carentes, rebeldes e defensivos. Por causa de uma acentuada hiperemotividade, decorre em sintonia com outros fatores a instabilidade e a mobilidade de seus estados de alma. A hipersentimentalidade, por sua dimensão profunda, contrabalança com a aparente superficialidade emotiva, ocasionando ecos no centro misterioso do eu pessoal. Este se desdobra num duplo campo afetivo: um resulta da tomada de consciência do “eu”, outro procede da descoberta do “outro”, da realidade viva da pessoa dos outros.

O impulso afetivo na adolescência, inicialmente indeterminado, vai delineando-se paulatinamente nas formas diferenciadas em diversas áreas de relacionamento: amizade, paqueras, namoro, grupos de estudo e convivência etc. Esse processo de condensação do clima afetivo será efetivado ao nível das relações de pessoa para pessoa, com destaque para o atrativo da complementaridade mútua.

É na beleza da convivência com os outros que se realiza a relação da pessoa com sua existência. Justamente no universo relacional se dá a formação da personalidade individual, no contato com o outro. À medida que um indivíduo se liberta da obsessão neurótica do “eu”, segundo a Psicologia dinâmica, realiza-se uma integração plena das energias sexuais com o desenvolvimento global da personalidade.

A sexualidade não pode ser entendida de uma maneira isolada na vida do ser humano, não é somente uma auxiliar da personalidade, mas parte integrante da personalidade. Esta define quem é a pessoa e mostra o como essa pessoa é. Os conceitos de consciência e identidade são compreendidos e vislumbrados pela vida interior. Nesse sentido, uma pessoa que não atingiu uma maturidade da sua personalidade, terá comportamentos antissociais, sem se importar se seus atos poderão agredir ou prejudicar uma pessoa.

A maturação da personalidade se dá em todos os níveis – psíquico, fisiológico, social e, se for cultivado, também no espiritual, sendo que em todo o desenvolvimento do indivíduo está presente a formação da sexualidade. Dessa forma, tudo que não converge para

uma harmonia da sexualidade transforma-se em desarmonia psíquica, originando assim as perturbações.

A chegada ao equilíbrio psicosexual é derivada de uma série de fatores determinantes: aceitação da própria realidade interior, a vida íntima do indivíduo e os fatos exteriores, acontecimentos no convívio social. Quando aceito minha realidade interior, minha vida pessoal, minha história, aquilo que sou, posso aceitar o outro, que é o elemento mais significativo da realidade externa.

Ao olhar para a fase da vida em que estão vivendo os adolescentes, é preciso compreender que a personalidade é construção, caracterizada por tensões e conflitos, com seus altos e baixos. A tão sonhada maturidade será atingida de modo progressivo e gradual, integrativo. A alternativa é canalizar os conflitos da fase por um desenvolvimento construtivo da personalidade na relação “nós”. Na verdade, os adolescentes necessitam de mediadores testemunhas no caminho em razão do desenvolvimento integral da personalidade, processo que exige escolhas e algumas renúncias à satisfação de necessidades.

Segundo o Diretório Nacional de Catequese – DNC (2006), uma adolescência bem orientada é um dos alicerces para o desenvolvimento de uma personalidade equilibrada e segura. Assim, o documento provoca para uma evangelização que oriente uma vivência integral da sexualidade e da afetividade, ao gerar sentido da sexualidade humana como autolibertadora, de modo que ajude o adolescente se autorrealizar na relação com o outro, afinal não se vive a sexualidade no isolamento, mas no encontro com o outro, na comunidade de fé.

Para além de uma educação sexual para os adolescentes, se faz necessário um processo educativo para o amor, para os gestos de afeição, de ternura, de perdão, de confiança, para o respeito ao outro, para as responsabilidades e para o crescimento do outro. “Urge para os adolescentes um projeto de crescimento na fé do qual eles mesmos sejam protagonistas na descoberta da própria personalidade, no conhecimento e encantamento por Jesus Cristo, no compromisso com a comunidade e na coerência de vida cristã na sociedade”. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2006, p. 126). Este encantamento pela vida cristã vivida na fé precisa estar inserida no projeto de vida de cada adolescente e, com o andar na construção da própria história, chegar a fazer parte de sua própria identidade humano-psicológico-cristã.

Portanto, levando-se em conta que os acontecimentos na sociedade devem ter seus reflexos na ação evangelizadora, os adolescentes precisam ser motivados para momentos de

interação com outros, a partir da vivência da fé na vida em comunidade, e que os ajudem a fazer experiência do Deus de Jesus Cristo.

Dentre os seres criados, a pessoa, em nosso caso o adolescente, se destaca como imagem viva do Criador. No mistério humano, descobrimos o mistério divino. “É n’Ele que nós somos, vivemos e nos movemos”. (At 17, 28).

A comunidade cristã reconhece na experiência da encarnação do Verbo divino: “Quem me vê, vê o Pai.” (Jo 14, 19). O poder criativo da beleza em si para inspirar e transformar a vida humana. A beleza de Deus atrai, seduz a criatura humana, afinal, fazer a experiência da beleza é vivenciar a experiência de Deus. A experiência cristã da beleza é comunicativa e transmissora de alegria e leveza.

Autonomia: Jesus, o adolescente gerador de sonhos

A representação social da adolescência é diversificada e complexa, a depender das épocas e lugares em análise. Constata-se, por exemplo, que em séculos anteriores e sob condições de vida diferentes das que existem hoje, o processo de maturação das crianças tinha um andamento muito mais rápido. Um rapaz de 13 anos é considerado “praticamente” uma criança nos dias de hoje; já para outras culturas ele está às portas da idade adulta. Salienta-se a cerimônia religiosa do *Bar-Mitzvah*, destinada a celebrar essa importante ocasião em que se deixava a infância para trás. No mundo judaico, a palavra *bar-mitzvah* significa, em hebraico, “filho do mandamento”.

Seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Tendo ele atingido doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume da festa. Acabados os dias da festa, quando voltavam, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que os seus pais o percebessem. Pensando que ele estivesse com os seus companheiros de comitiva, andaram caminho de um dia e o buscaram entre os parentes e conhecidos. Mas não o encontrando, voltaram a Jerusalém, à procura dele. Três dias depois o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. Todos os que o ouviam estavam maravilhados da sabedoria de suas respostas. Quando eles o viram, ficaram admirados. E sua mãe disse-lhe: Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição. Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai? Eles, porém, não compreenderam o que ele lhes dissera. Em seguida, desceu com eles a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens. (Lc 2, 41-52).

O texto de Lucas nos apresenta as ações do “adolescente Jesus”, o qual está no início de sua maturidade e de sua missão quando encontrado no Templo, conversando com os doutores da Lei. O texto relata antiga tradição judaica, em que a lei ordenava que todo israelita do sexo masculino, de 13 anos em diante, deveria ir ao Templo por ocasião das três grandes festas: da Páscoa, de Pentecostes e das Colheitas. Ele ia para festejar a cerimônia do *Bar-Mitzvá* (filho do preceito), conforme prescrevia a tradição rabínica. No sábado e

durante as grandes festas, os rabinos se colocavam à disposição do público em espaços especiais do Templo, para ensinar a doutrina, e nas discussões não faltava o tema messiânico. Daí a presença do “adolescente Jesus” em meio aos doutores e estudiosos da Bíblia, ouvindo-os e interrogando-os. (OLIVEIRA, 2011, p. 105-106). Os mestres davam lições sobre a lei religiosa para os jovens que deviam ser reconhecidos “adultos”, com o direito de ler a Torá na Sinagoga.

O episódio narrado, que rompe o silêncio dos anos de Nazaré, revela uma instância cristológica: indicar a verdadeira identidade de Jesus e a sua missão. A narração transcorre ao entorno da palavra profética de Jesus no Templo: “Não sabíeis que eu devo estar na casa do meu Pai?” (Lc 2, 49). Neste momento, Jesus evidencia a sua relação única com Deus, o Pai, como fora anunciado pelo anjo (Lc 1, 32-35). A partir daí é configurada a intensidade da relação profunda com o Pai, como princípio-guia de suas opções. Esta primeira palavra de Jesus no Templo já desvela a maneira como ele exercerá o ministério na sua vida pública, quando interpretará sua missão reportando-se ao projeto divino.

Durante as solenidades que se prolongaram por oito dias (Lv 23, 8 e Nm 28, 16), Jesus não se achava constantemente em companhia dos pais; assim o concluímos a partir do v.44, que sugere a permanência do menino em boa parte do tempo junto a parentes e conhecidos, só vendo os pais ocasionalmente, ao anoitecer. Assim, com base nesse contexto, compreende-se que nem na hora da partida deram falta dele. Porém, com os seus doze anos, Jesus deve ter atingido certo grau de maturidade a ponto de seus pais terem confiado nele plenamente. De igual maneira, Jesus permanece no Templo por ter experimentado um convite do Pai ao qual decididamente obedeceu.

O contexto explicitado pelo evangelista Lucas sinaliza que a permanência de Jesus em Jerusalém, no Templo, a procura angustiada por três dias de Maria e José, são elementos que aludem ao drama da paixão que se realizará em Jerusalém. Assim como a pergunta de Maria, formulada segundo uma expressão estereotipada da literatura rabínica, não apresenta teor de censura. Ela demonstra perplexidade e um obscuro pressentimento do futuro.

A sutileza perspicaz nas falas e gestos no episódio do Templo já aponta para uma realidade profunda de Jesus, em particular a sua missão, que passa através da morte para chegar à glória, que pode ser acolhida só por meio da fé. Dessa maneira, a Boa Mãe, Maria, nos dá uma sábia lição por meio de uma fé reflexiva e atenta, uma fé progressiva que amadurece e se aprofunda até a experiência pascal.

Na cena relatada, a autonomia de Jesus em relação à família foi posta em evidência. Ele busca seu espaço próprio. O Mestre, ainda adolescente, faz as opções de sua missão, sem

se deixar condicionar pelas interferências dos familiares. De igual maneira, é válida a percepção que a autonomia de Jesus não é fruto de uma atitude de autossuficiência ou menosprezo de uma condição humana em desenvolvimento nas relações familiares e afetivas, mas é expressão autêntica de sua relação única com Deus. Jesus também buscava uma autonomia em relação ao sistema opressor e elitista do Templo. O adolescente Jesus deseja se ocupar das coisas do seu Pai: comunicar a vida plena a todos, homens e mulheres, criaturas de Deus, libertos de toda opressão, além de buscar o sentido da sua própria vida enquanto Filho de Deus.

De acordo com o texto, a primeira ação de Jesus é escutar. Como todo adolescente, ele escuta e pergunta, sendo muito inteligente nas respostas. O texto evidencia que todos ficavam extasiados diante das respostas do adolescente Jesus, que crescia em idade, sabedoria e graça, em sua comunhão com o Pai, amadurecendo a sua missão a serviço da construção do Reino de Deus. E nesse processo educativo também ensina, assim como os adolescentes de hoje. O progredir em graça e sabedoria simboliza o crescimento integral e o fortalecimento de valores no adolescente Jesus.

Assim como geralmente acontece com os adolescentes, Jesus dá uma resposta um tanto ousada à sua mãe. Maria não entende o que ele quer dizer e guarda no coração, numa atitude de manter viva a memória e história. Outro destaque é que Jesus, depois do episódio, permanecia obediente aos seus pais; sinal de não rebeldia, mas de ato consciente em obediência à missão recebida do Pai. Esta missão é específica dele, embora ainda desconhecida pelos pais. Para os judeus, ser obediente e submisso aos pais era colher seus ensinamentos e se manter fiel a Deus.

Na verdade, a comunidade Lucana deseja conservar e revelar a existência de uma solidariedade de Jesus com nossa condição humana, sem privilégio e reservas. Por fim, o convite está posto para uma plena comunhão com o Pai numa fidelidade assumida até as últimas consequências.

Diante do modelo de adolescência explicitado por Lucas, podemos nos perguntar: como acompanhamos nossos adolescentes no processo de maturidade, autonomia, escolhas e construção do projeto de vida? Estamos escutando, ouvindo os clamores, dúvidas, os vazios provocados pelo mundo líquido-consumista, alegrias e inquietações deles? Quando eles nos questionam e querem ser sujeitos, partícipes do processo da vida, qual é nosso posicionamento? Ficamos extasiados perante a beleza deles e a riqueza de suas respostas? Como reagimos quando eles nos desinstalam com suas respostas provocativas? Somos sensíveis e abertos para aprender com os adolescentes ou pensamos que eles não têm nada

para ensinar? Quais são os valores que permeiam nossa relação com os adolescentes? De que maneira nossos adolescentes assumem o projeto de vida deles? Somos capazes de ser mediadores eficazes no caminho da evangelização para que, em seu projeto de vida, desemboquem na adesão à pessoa de Jesus? Como se dá a relação entre eles e o Sagrado?

A beleza, uma autoimagem do Sagrado

A mão do Divino artista, ao “executar” sua obra prima, a perfeita criação, revela a beleza que se manifesta na comunicação plena da Trindade. Beleza é comunicação, pois só há beleza na relação entre pessoas que se amam. Os adolescentes são sacramentos – sinais – dessa comunicação artística e misteriosa da beleza do criador.

Imbuídos pela inspiração poética do grande Aristóteles ao profetizar que não podemos viver sem felicidade, conclui-se que não pode viver sem beleza: “Sim, porque a grandeza e beleza das criaturas fazem, por comparação, contemplarmos o Autor delas”. (Sb 13, 5). Pela beleza criada, o ser humano vivencia a experiência da Beleza divina, presente na criação. Através da beleza da criação, revelada como vestígio de Deus, entra-se em comunhão com o Criador e se entende a presença dual e simultânea presente em cada ser humano: pequenez e grandeza. (Sl 8).

Partindo do pressuposto de que o belo, peculiaridade da transcendência, se revela como irradiação do ser, a beleza emerge como interface entre o sagrado e os adolescentes. Mas, que é o belo? A virtude que consegue articular equilíbrio e harmonia de maneira surpreendente, que ultrapassa o universo da estética e aponta para uma dimensão ética e religiosa. O belo postula que bom gosto pode ser construído, apreendido. A beleza desperta o amor e torna o outro um próximo a amar. Ela tem como proposta a gratuidade, exige tempo, contemplação, admiração... Sinaliza a presença misteriosa do Transcendente, conduz ao mistério indizível e inefável que chamamos Deus, autor de toda beleza que há no universo.

A beleza é para ser sentida, saboreada e personalizada. Ela mantém diálogo fraterno com o coração e exige sensibilidade para ser percebida. É necessário um olhar atento e profundo. A beleza se mostra a melhor transmissora da fé, segundo adverte o Papa Francisco: “Não basta que a mensagem seja boa e justa. Ela tem que ser bela, pois só assim chega ao coração das pessoas e suscita o amor que atrai”. (FRANCISCO, 2013, p. 99).

A admiração pelo belo conduz à experiência de Deus. Quando existe encanto com a beleza da criação, chega-se à contemplação de Deus. A primeira revelação de Deus se deu na criação, ou seja, o mundo é o sacramento visível da beleza de Deus. Apresenta-se como

metáfora de algo que é maior do que ele e que se revela a referência última para a existência humana. O ser está voltado para um mistério que o abarca em todas as dimensões de sua vida.

O relato da criação provoca a consciência da atitude da Trindade na sua relação estreita com o cosmo. É um movimento de amor sem fim que parte de Deus Pai, encarna-se no Filho, Jesus Cristo, e se consolida no Espírito, ao mesmo tempo em que se expande e se faz vida em todas as criaturas. Contemplar e se encharcar da beleza desse itinerário trinitário é perceber que as três pessoas divinas abarcam e abraçam toda a criação, com sua multiplicidade de cores, formas, tamanhos e atividades. O mistério do Deus Uno e Trino habita nas alegrias e dores de todos os seres criados, conduzindo tudo para a plenitude, ou seja, para o interior da própria Trindade. A beleza última atrai a si o universo criado porque é sua finalidade última. Os seres humanos são chamados a participar da beleza de Deus que a eles se autocomunica trinitariamente.

A capacidade de amar é o que habilita o ser humano para sentir a presença inspiradora da Trindade, mistério último de amor e comunhão. Somente provocados pelo horizonte da beleza os seres humanos entram no fluxo da comunhão trinitária, que se expande na comunhão com os outros e com as criaturas.

Criados pelas mãos da Trindade, transbordantes de beleza, de comunhão perfeita e comunicação, cada ser humano é chamado a deixar transparecer o que é trinitário em si mesmo: sua essência é o encontro, a relação, a comunhão, a irmandade. O significado espiritual da dimensão da “relação” se concretiza na experiência do amor da Trindade que vem ao encontro dos homens e mulheres por meio da encarnação de Jesus. Em Jesus Cristo, se corporifica a conexão relacional que há entre os demais seres humanos e a Criação inteira, numa irmandade que abarca todas as criaturas.

Neste sentido, o divino sacramentaliza o corpo do adolescente como instrumento revelador da beleza trinitária. Todavia, o corpo é considerado por muitos adolescentes como responsável por grande ansiedade, em virtude das súbitas e intensas mudanças ocorridas nessa fase. Isso faz com que eles convivam por muito tempo com esse corpo mutante, desconhecendo sua forma definitiva. O adolescente, no seu processo de amadurecimento vive uma série de perdas. (CRESTANI, 2016). Entre elas, a perda do corpo de criança. Ele precisará adaptar-se ao novo corpo e dar passos no processo de redefinição do esquema corporal.

A partir desta redefinição do corpo do adolescente, tendo como horizonte a

beleza da ética cristã da sexualidade, se percebe que o dom da sexualidade deve ser acolhido como fator de socialização, orientado para uma vivência equilibrada com base no amor, reflexo da própria beleza de Deus. A sexualidade na adolescência “desabrocha” por meio das relações de acolhida, reciprocidade, diálogo e entrega ao outro. A sexualidade faz descobrir o outro de uma forma nova. Em si mesma, a sexualidade é bela e fonte de comunhão, o que a faz perder sua beleza é o egoísmo que fecha o adolescente em si mesmo, impedindo-o de se abrir a relações consistentes e verdadeiras.

É necessário o cultivo de uma sexualidade sadia e equilibrada, expressão da vida que brota no adolescente e que, em comunhão com outros elementos da proposta cristã, promovam pessoas inteiras e integradas.

Uma catequese que oriente para a vivência da sexualidade e da afetividade dentro de uma perspectiva cristã também contribui para a prevenção de problemas graves como abuso sexual e gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para evitar tais problemas. (CALANDRO; LEDO, 2010, p.108).

A adolescência é etapa propícia para o desenvolvimento de um itinerário de educação para o amor que integre a sexualidade numa proposta mais ampla de crescimento e maturidade, baseada na liberdade e responsabilidade que desperta o cuidado consigo, com o outro e com a natureza, tendo o criador da vida como fonte de inspiração. Assim, o itinerário ético proposto aos adolescentes poderá desafiá-los a assumir a vocação para o cuidado, de maneira individual e numa ciranda de solidariedade em busca de uma vida humanizada, “costurada” por relacionamentos significativos com os outros e com o Deus de Amor. Só assim ele será fiel à beleza original que está na sua fonte.

Nessa empreitada ética, se faz necessária uma predisposição para a aprendizagem do reconhecimento da dimensão fundante do afetivo, do amor e da ternura, contra todo individualismo, competição, violência e corrupção. Investir no cuidado, no amor, na ternura e encorajamento solidário para se alcançar dignidade para todas as pessoas é apostar que outro mundo é possível: a civilização do amor, da partilha, da solidariedade. Nesse contexto de humanização, oferecem-se aos adolescentes autênticos encontros afetivos e ternos, permeados por vínculos fecundos e intensos.

O adolescente [...] tem sede de amar gratuitamente, com um amor novo, que nada deve a ninguém, escolhido livremente. Tem sede de amar profundamente até o encontro da intimidade do coração, onde o que é posto em comum são as próprias pessoas que se amam por elas mesmas. (CALANDRO; LEDO, 2010, p.71).

Prazer: a beleza sedutora do adolescente

Afirma Dick (2009, p.15): “Não se trata de sacralizar o adolescente, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil”. Seguindo o exemplo do que aconteceu com Jesus no Templo diante dos doutores, é preciso se extasiar com a beleza do adolescente, realidade existencial que revela a beleza de Deus. Com sabedoria e sensibilidade, a missão dos pais e educadores é facilitar a perspicácia do adolescente a respeito da riqueza infinita encoberta que mora nele, cuja beleza será revelada, principalmente, por meio do seu corpo, sacramento visível do sagrado.

No vasto universo do adolescente se reflete a dimensão da vida como festa e alegria. Festa é encontro, prazer e sentido, espaço de gratuidade. O adolescente tem necessidade de pessoas “que o levem a abraçar a vida em sua totalidade e transcendência fazendo da vida uma festa”. (DICK, 2009, p.50). O adolescente adquire o caráter festivo à medida que ele deixa desabrochar sonhos, espontaneidade e autonomia na busca pelo protagonismo repleto de novidades, rumo à construção de uma sociedade justa e fraterna. Ele se apresenta na festa de maneira intensa e traz consigo a celebração do seu corpo, reflexo da beleza do Criador. Ele encontra sua felicidade e realização no contato festivo com a presença do outro.

Dessa forma, a festa se sacramentaliza como espaço de partilha, gratidão e acolhida, cujo sujeito é o próprio grupo que paulatinamente constrói sua identidade, legitimidade para a sua práxis e se reorganiza socialmente ao sonhar vida para todos. É neste espaço de festa

[...] que precisamos aprender a ler, nos corpos juvenis que crescem e anseiam por aparecer e nos sentimentos fortes que vão nascendo na perspectiva juvenil do outro e da outra, o divino procurando mostrar-se em seu espírito de doação e criatividade. A graça de Deus sempre tem cheiro de alegria. É matar a beleza juvenil é impingir-lhe qualquer vivência sexual ou levá-la a ficar somente no sexo. (DICK, 2009, p.53).

A festa, em comunhão com a beleza revelada no corpo do adolescente, situa-se na dimensão da gratuidade do festivo. É uma ciranda contagiante embalada no ritmo da civilização do amor. Impulsionados pelo ritmo de beleza, encontro e protagonismo emanados da ciranda, os acompanhantes adultos devem auxiliar os adolescentes na descoberta dos dons e qualidades que eles carregam dentro de si. A evangelização dos adolescentes por meio dos pais/catequistas e educadores pode explorar os dinamismos pulsionais ambivalentes, ainda não canalizados, mas que são doados pelo Criador, e transformá-los em valores geradores de vida para partilhar a fraternidade universal.

Os adolescentes precisam ser aguçados na percepção sobre seu potencial físico e sua beleza corporal, que os fazem portadores de potencialidades que desabrocham no ambiente

em que vivem, ajudando-os a sair de si mesmos e do narcisismo próprio da adolescência para ampliar o círculo de relações e de seu modo-de-estar-no-mundo, numa tentativa de alargar o horizonte da vida e da solidariedade humana. Ademais, eles devem despertar para a responsabilidade pessoal e social em vista do seu protagonismo numa iniciativa e autonomia, sendo evangelizadores de si mesmos.

Assim, a beleza “adolescêntica” exteriorizada no corpo, cultivando um deus narcisista-egocêntrico, refletida no comportamento intenso e criativo e com força evangelizadora em nível máximo, está sedenta por estímulos que despertem uma consciência madura e corresponsável na construção de um mundo melhor, mais harmônico e fraterno. O desafio está posto para que cada adolescente reverencie o seu e o corpo do outro, como instrumento eficaz na implantação do Reino de Deus no mundo. Nesse sentido, o Mistério residente em cada um deve ser apresentado e cultivado como um valor, tesouro afetivo que irradia solidariedade.

De igual maneira, a força física dos adolescentes clama por um toque do Sagrado que se concretiza nos gestos e procedimentos de transcendência. As adolescências e seus desdobramentos, ora oásis, ora deserto, são tempo favorável para o florescimento da beleza do Sagrado, fonte inesgotável de onde brota vida, sonhos, dignidade, utopias e esperanças. Portanto, o corpo em fase de adolescimento necessita ser educado, cuidado, evangelizado como filho do Transcendente.

É preciso criar consciência e empoderamento no adolescente sobre a dimensão de divindade que ele carrega em si, ao mesmo tempo em que os adultos também devem reconhecer e cultivar o dom da novidade da adolescência como realidade antropológica e, ao mesmo tempo, teológica. No âmbito da descoberta que implica no ato de desvelar, sobressai no adolescente a revelação diária de um corpo em crescimento. As mudanças físicas, biológicas e psicológicas conseguem extrapolar o limite simplório do conceito de mudanças. Nesse processo se revela a criação de Deus, a beleza do divino se encarna por excelência no corpo do adolescente. Este corpo deve receber o sentido teológico para o mistério, prazer e alegria que os envolve.

Conclusão

A percepção do divino encarnado no corpo do adolescente adquire cidadania a partir da nossa abertura a esta novidade e aos desdobramentos diversos que ela provoca. O Reino já se encontra instalado na vida desses interlocutores. A missão agora é desvelar o mistério por meio de uma postura geradora de autonomia, protagonismo e descoberta. A

adolescência, com sua carga de transformações, se apresenta aberta para que as coisas divinas não se tornarem estáticas. O divino precisa incluir o novo da humanidade, num “esforço” constante de adaptação.

Na vivência do protagonismo juvenil, está uma teologia da saída de um mundo de dependência e consumismo para um mundo de liberdade. Como também a saída de um mundo em que se recebem cuidados excessivos como criança e adolescente, para um mundo que necessita de cuidados com os seus outros habitantes e com a natureza. É a gradativa abertura do horizonte da vida que se processa, levando a pessoa a crescer na perspectiva da transcendência. É um convite para se abrir às relações, sem perder a identidade, permitindo que o outro entre na sua vida como um igual, para que juntos façam o percurso da busca e conquista.

Assim, uma das principais conquistas almeçadas pelo adolescente é a liberdade, dom atualizado à medida que a construção de si mesmo for sendo elaborada num corpo que ele vai aprendendo a conhecer. O ser integral do adolescente intui e afirma a liberdade como valor inigualável a ser cultivado nessa fase, o que exige fidelidade a si mesmo e aos outros, e fidelidade ao que é chamado a ser como pessoa humana.

A beleza do divino se revela na geografia do gratuito, em que tudo é graça. Portanto, ao tomar consciência do corpo como dom e expressão da gratuidade do Criador, os seres humanos se sentem livres para se extasiarem em contemplação da beleza do outro e da outra, que é festa e encarnação da vida que sempre se renova e sempre exige ser respeitada. Eis o percurso proposto ao adolescente desde uma perspectiva cristã.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Otávio Ferreira. **A beleza como experiência de Deus**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada Ave Maria**. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/sao-lucas/2/>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

BOFF, Leonardo. **“A beleza salvará o mundo”**: Dostoiewski nos ensina como. Instituto Humanitas Unisinos, 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/530983-a-beleza-salvara-o-mundo-dostoiewski-nos-ensina-como-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

BROSHUIS, Inês. **A beleza que seduz**. Disponível em: <http://www.catequistasemformacao.com/2014/08/artigos-o-belo-ludico-e-mistico-na.html>. Acesso em: 11 dez. 2015.

CARVALHO, Alysson (Org.). **Adolescência**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles. **Psicopedagogia Catequética: Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades**, São Paulo: Paulus, 2010. v.2.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. Brasília: Edições CNBB, 2006.

CRESTANI, Alfredo. **Adolescência: tentando compreender o que é difícil entender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

DATTLER, Frederico. **Os evangelhos da infância de Jesus: segundo Lucas e Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1981.

DICK, Hilário. **O divino no jovem: Elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil**. São Paulo: CCJ, 2009.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos (II)**. São Paulo: Loyola, 1992.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica: *Evangelii Gaudium*** do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.

OLIVEIRA, Vilson Dias de. **Catequese com adolescentes**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PALAORO, Adroaldo. **Trindade e mundo, diferenças que se amam**. Disponível em: <<http://www.catequesehoje.org.br/index.php/raizes/espiritualidade/724-trindade-e-mundo-diferencas-que-se-amam>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

PONTÍFICAS OBRAS MISSIONÁRIAS. **Adolescentes sem fronteiras:** Roteiros para encontros de grupos. Brasília: POM, 2015.

PROVÍNCIA MARISTA BRASIL CENTRO-NORTE. **Marco Referencial da Pastoral Juvenil Marista.** Brasília: UBEE/UNBEC, 2008.

TEXTO FINAL DO I ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE PASTORAL DE ADOLESCENTES – SEÇÃO JUVENTUDE-CELAM (SP). **Para uma Pastoral de Adolescentes.** São Paulo: CCJ, 1998.